



AS PECULARIEDADES DO TRABALHO DE CORTAR CANA- DE-AÇÚCAR: O CASO DAS CORTADORAS DE CANA DO MUNICÍPIO DE TAMBOARA/PR¹

Ariana Castilhos dos Santos Toss Sampaio²

Maria das Graças de Lima³

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados parciais da dissertação de mestrado concluída em 2020, realizada através do Programa de Pós Graduação em Geografia Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Maringá PGE – UEM, no qual o objetivo geral era compreender as peculiaridades do trabalho de cortar cana-de-açúcar. Como metodologia utilizamos a revisão bibliográfica através de pesquisa em livros, artigos e sites de instituições, também realizamos entrevistas com 12 mulheres cortadoras de cana-de-açúcar moradoras de Tamboara - Pr, utilizando questionário com questões semiestruturadas. Os resultados desta pesquisa demonstram que as dificuldades encontradas no trabalho de cortar cana-de-açúcar perpassam pela forma de pagamento ser por produção e são evidenciados nos diferentes eitos existentes. O terreno com declividade dificulta a atividade e diminui o rendimento. O solo seco e duro cega o facão o que atrasa o trabalho. Além disso, os eitos com canas entrelaçadas fazem com que o trabalhador (a) despenda 4 a 6 vezes mais golpes para cortar e acomodar a cana na esteira, o que leva estas mulheres a serem acometidas por sérios problemas de saúde, reduzindo a capacidade de sua vida útil.

Palavras chave: Cortadoras de cana. Trabalho, Gênero, Geografia Agrária.

ABSTRACTO

Este trabajo tiene como objetivo presentar los resultados parciales de la tesis de maestría finalizada en 2020, realizada a través del Programa de Postgrado en Geografía Maestría y Doctorado en la Universidad Estatal de Maringá PGE - UEM, en la que el objetivo general fue comprender las peculiaridades del trabajo. de caña de azúcar cortada. Como metodología, utilizamos la revisión de la literatura a través de la investigación en libros, artículos y sitios web institucionales, también realizamos entrevistas a 12 cortadores de caña de azúcar residentes en Tamboara - Pr, utilizando un cuestionario con preguntas semiestructuradas. Los resultados de esta investigación demuestran que las dificultades encontradas en el trabajo de corte de caña de azúcar permean la forma de pago que es por

¹Resultado parcial da Dissertação de Mestrado, financiada pela CAPES.

²Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, ariana_marcos@hotmail.com

³Doutora pelo curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, mglima@uem.br



la producción y se evidencian en los distintos ethos existentes. El terreno con pendiente dificulta la actividad y reduce el rendimiento. La tierra seca y dura ciega el machete que retrasa el trabajo. Además, los tallos con bastones entrelazados hacen que la trabajadora gaste de 4 a 6 veces más golpes para cortar y acomodar el bastón sobre la estera, lo que lleva a estas mujeres a verse afectadas por graves problemas de salud, reduciendo su capacidad a su vida útil.

Palabras clave: Cortadores de caña. Trabajo, Género, Geografía Agraria.

INTRODUÇÃO

O cultivo da cana-de-açúcar no Brasil remonta desde a época da colonização do país quando Martin Afonso em 1.532 trouxe as primeiras mudas desta gramínea. Inicialmente este trabalho era realizado pelos povos originários (indígenas) que foram escravizados e posteriormente pelos africanos trazidos na maior migração continental forçada da história, para também serem explorados como mão de obra escrava, foi nesse contexto que promoveram a efetivação e avanço das lavouras de cana-de-açúcar pelo sudeste e nordeste brasileiro.

Atualmente, mesmo com as mudanças na legislação brasileira e alguns avanços sociais, os trabalhadores do corte de cana-de-açúcar, homens e mulheres que por não terem outras opções de trabalho, enfrentam a dura rotina de cortar cana expostos a um exaustivo desgaste físico onde são condicionados a trabalharem por produção.

O avanço do setor sucroenergético do Brasil alicerçado na utilização de mão de obra barata, também recebeu inúmeros incentivos do Governo brasileiro, dentre eles se destaca o Programa Nacional do Álcool – Proálcool que investiu milhões na ampliação e instalação de usinas e destilarias anexas e autônomas.

Últimamente este setor investiu em tecnologia e modernizou ampliando o uso da mecanização no plantio e colheita da cana-de-açúcar, isto gerou redução da mão de obra utilizada, ocasionando desemprego e aumento do trabalho informal na região de estudo, o noroeste do Paraná. Os trabalhadores que ainda estão ocupando cargos de cortadores de cana continuam enfrentando as dificuldades que o trabalho apresenta, sobretudo devido a forma de pagamento ser por produção o que intensifica o ritmo de trabalho.

Portanto, este trabalho tem por objetivo relatar resultados obtidos na conclusão do mestrado efetivado em 2020, no qual identificamos as peculiaridades do trabalho de cortar cana-de-açúcar. Com os resultados compreendemos que as dificuldades enfrentadas no trabalho de cortar cana estão relacionadas à forma de pagamento ser por produção o que



intensifica o ritmo de trabalho como também, a declividade do terreno e as condições climáticas também torna este trabalho ainda mais estafante.

METODOLOGIA

Realizamos uma revisão bibliográfica através da leitura de teses, dissertações, livros, revistas e artigos sobre o assunto abordado e um levantamento de dados através de pesquisa em sites de instituições como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), Secretaria da Agricultura e Abastecimento (SEAB), Departamento de Economia Rural (DERAL), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) e outros. Após aprovação do Comitê de ética-COPEP, realizamos entrevistas com 12 mulheres cortadoras de cana-de-açúcar moradoras de Tamboara, utilizando questionário com questões semiestruturadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O cultivo da cana-de-açúcar no Brasil iniciou em 1532, nas Capitanias de São Vicente e Santo Amaro, Martin Afonso trouxe ao país as primeiras mudas de cana-de-açúcar. O primeiro engenho de cana no Brasil foi fundado por Martim Afonso de Sousa no século XVI na baixada santista.

Concomitantemente, o cultivo da cana-de-açúcar também tinha sido introduzido no litoral do Nordeste e, por motivo de um melhor desenvolvimento desta gramínea na região, o cultivo em São Vicente ficou estagnado, porquanto esta capitania não podia concorrer com a produção nordestina, pois, além de ter grandes áreas propícias para o cultivo da cana, ficava mais próxima de Portugal, para onde era exportado o açúcar (PETRONE, 1968).

Entretanto, o cultivo da cana-de-açúcar no Brasil teve sua relevância após a fase do ouro ser encerrada no final do século XVIII e início do século XIX. Naquele momento, o Estado via a produção agrícola canavieira uma alternativa para melhorar a economia. A partir de medidas para aumentar a produção, São Paulo passou a ser destaque na produção de açúcar: “Nas primeiras décadas do século XIX, a lavoura de cana foi considerada, uma das maiores fontes de renda para os paulistas, o principal produto de exportação” (TEIXEIRA, 1988, p. 58). Sendo assim, o cultivo da cana-de-açúcar em São Paulo e no Paraná somente viria a ser estimulado no século XIX.



O avanço das indústrias açucareiras foi possível a partir de medidas, como o Estatuto da Lavoura Canavieira, criado em 1940, que expandiu a produção do norte-nordeste para a região centro-sul. Mediante a racionalização, modernização da produção e à busca por mercado externo a região centro-sul, passou a ser a maior produtora de açúcar e álcool do país (BRAY, FERREIRA, RUAS, 2000).

A modernização da agricultura brasileira denominada por Silva (1982, p. 40) “modernização conservadora” foi subsidiada pelo Estado em prol das grandes propriedades, privilegiando algumas culturas e regiões. Várias ações foram realizadas para que a agroindústria canavieira continuasse a desenvolver-se.

Como exemplo podemos mencionar à criação do Programa Nacional do Álcool-Proálcool, em 1975, com “o objetivo de aumentar a produção de safras agro energéticas e a capacidade industrial de transformação, visando à obtenção de álcool para a substituição da gasolina, assim como incrementar o uso no setor químico” (BRAY, FERREIRA, RUAS, 2000, p. 56).

Através do Proálcool várias usinas, destilarias autônomas e anexas foram fundadas expandido a territorialização do setor sucroenergético pela região nordeste, sudeste, sul e centro oeste do país. Atualmente o Brasil é um dos maiores produtores de açúcar do mundo. A safra de cana-de-açúcar 2017/2018 teve a produção de 646,34 milhões de toneladas (CONAB, 2018), e sua maior produção concentra-se nas regiões sudeste/sul (São Paulo e Paraná), centro-oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul e Nordeste (Alagoas, Pernambuco e Paraíba).

1.2 A cana-de-açúcar no estado do Paraná

No Paraná a produção de cana-de-açúcar ocorreu desde o século XVIII, porém a sua produção era destinada quase que exclusivamente para fabricação de aguardente nas regiões de Antonina, Paranaguá e Guaratuba (TEIXEIRA, 1988). Em 1878, na cidade de Morretes foi instalado um Engenho Central, trazendo desenvolvimento para a região. Apesar disso, naquele momento não ocorreu à expansão do cultivo da cana no Paraná, pois, desde 1866, o Paraná tinha sua economia voltada à exportação de erva-mate (CORRÊA, 1976). Em 1930, a extração da erva-mate entrou em colapso, devido à queda na exportação da erva para países da Europa e da América, permanecendo apenas em algumas regiões do Paraná.

O cultivo do café no Paraná expandiu-se na região norte mediante aos incentivos do Estado, que apoiou as companhias de terras por meio de concessão de glebas e financiamentos



a juros baixos. A Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP – comercializou os lotes de terra em pequenas propriedades, pois facilitaria a organização da infraestrutura da região Norte do Paraná.

O êxito do café paranaense deu-se pela facilidade de aquisição dos lotes de terras, clima propício, terras férteis e escoamento da produção, por meio de ferrovias que ligavam o estado ao porto de Santos (CANCIAN, 1981), atraindo grande contingente populacional; paulistas e mineiros deslocavam-se para o norte do Estado, favorecendo a criação de diversos núcleos que, posteriormente, tornaram-se cidades.

A área rural seria cortada de estradas vicinais, abertas de preferência ao longo dos espigões, de maneira a permitir a divisão da terra da seguinte maneira: pequenos lotes de 10, 15 ou 20 alqueires, com frente para a estrada de acesso e fundos para um ribeirão. Na parte alta, apropriada para plantar café, o proprietário da gleba desenvolveria sua atividade agrícola básica: cerca de 1.500 pés por alqueire. Na parte baixa construiria sua casa, plantaria a sua horta, criaria os seus animais para consumo próprio, formaria o seu pequeno pomar (CMNP, 1975, p. 70)

A colonização imprimiu uma estrutura fundiária baseada na pequena e média propriedade (SILVA, 1982). Esta divisão de terras em pequenos lotes possibilitou ao pequeno agricultor cultivar o café a partir da mão de obra familiar.

Depois de 1930, embora insistisse com sua produção em algumas regiões, a produção do café não recebeu mais o estímulo que precisava para continuar protagonista na balança comercial brasileira. As medidas de erradicação dos cafezais iniciaram-se ainda na década de 1960, quando o Governo lançou o programa de racionalização para erradicar os cafezais, programa ativado pelo Instituto Brasileiro de Café- IBC. A partir de 1964, intensificou-se a erradicação dos cafezais, os quais quase desaparecem a partir de 1970, em função de uma nova política agrícola que foi implantada, altamente modernizada do ponto de vista tecnológico.

A substituição do café por culturas intensivas como soja, trigo, pastagem e cana-de-açúcar foi direcionada pelo próprio Estado e levou à concentração fundiária. Os pequenos proprietários ficaram endividados e venderam suas terras para liquidar as dívidas adquiridas na produção do café. Embora fosse um projeto que viesse sendo engendrado desde a década de 1950, a partir da década de 1970, com a erradicação do café, o estado do Paraná redefiniu sua estrutura fundiária, suas relações sociais e produtivas.

A substituição das lavouras de café por grãos, pastagem e cana de açúcar resultou em êxodo rural e em concentração de terras. O cultivo mecanizado da soja e de cana-de-açúcar

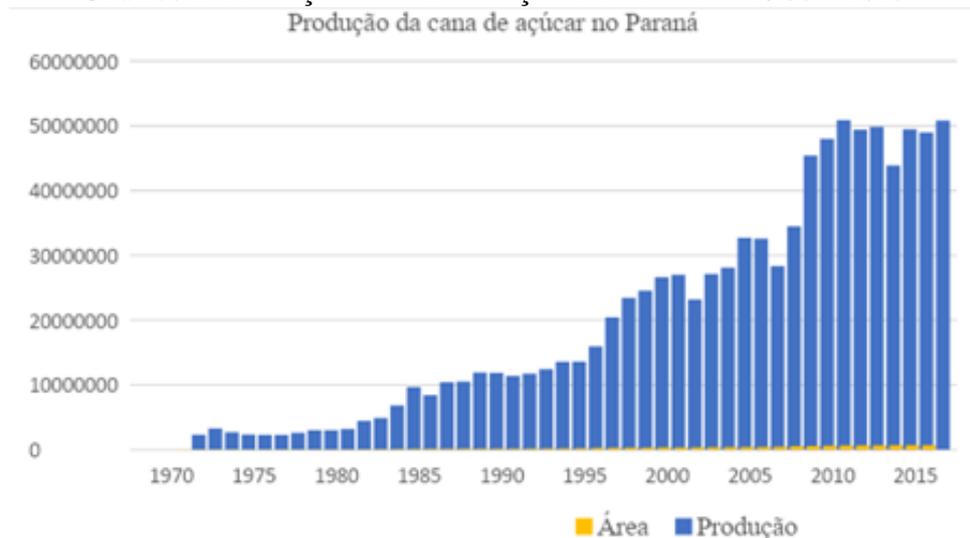


ocupou as áreas do café e de cultivos para abastecimento da população e, posteriormente, avançou sobre as áreas de pastagem.

O Governo incentivou a mecanização agrícola por meio de financiamentos subsidiados, o que estimulou a plantar soja, milho e a cana-de-açúcar (SILVA, 1982). A cana-de-açúcar ocupou os espaços onde os grãos não tinham produtividade favorável (como em solos de arenito, localizados no Noroeste do Paraná) e passou a ocupar a mão de obra ociosa decorrentes dos fins dos cafezais, que não migraram. Como Silva afirma: “a expropriação é necessária, pois esses pequenos proprietários, parceiros, posseiros, arrendatários são os pequenos produtores expropriados de ontem que são os boias-frias de hoje” (SILVA, 1982, p.106). E vários destes boias-frias foram trabalhar para o setor alcooleiro.

Nas décadas de 1970 e 1980, foram instaladas no Paraná destilarias autônomas. Os principais fatores para implantação e expansão da agroindústria canavieira no Estado foram em virtude dos incentivos de crédito oriundos do Proálcool, como financiamentos a juros baixos e prazos acessíveis. Foram instaladas, no Paraná, entre as décadas de 1970/1980, vinte e quatro destilarias autônomas e quatro anexas, principalmente, na região norte do Paraná. Em 2018 no Paraná existiam 22 usinas e 8 destilarias o que promoveu o aumento da produção de cana-de-açúcar (Gráfico 1).

Gráfico 1. Produção de cana-de-açúcar no Paraná - 1980 a 2015



Fonte: MA/SUPLAN-EAGRI (1970/1972), IBGE (Prod. Agrícola); SEAB/DERAL, 2015 / Organização: Sampaio, 2018.

Podemos observar no gráfico 1 o crescimento constante da produção de cana no estado do Paraná em virtude dos incentivos ofertados pelo Estado. Em 2015, a produção de cana-de-açúcar do Estado era de 50.791.057 toneladas, ocupando o 4º lugar na produção do País.

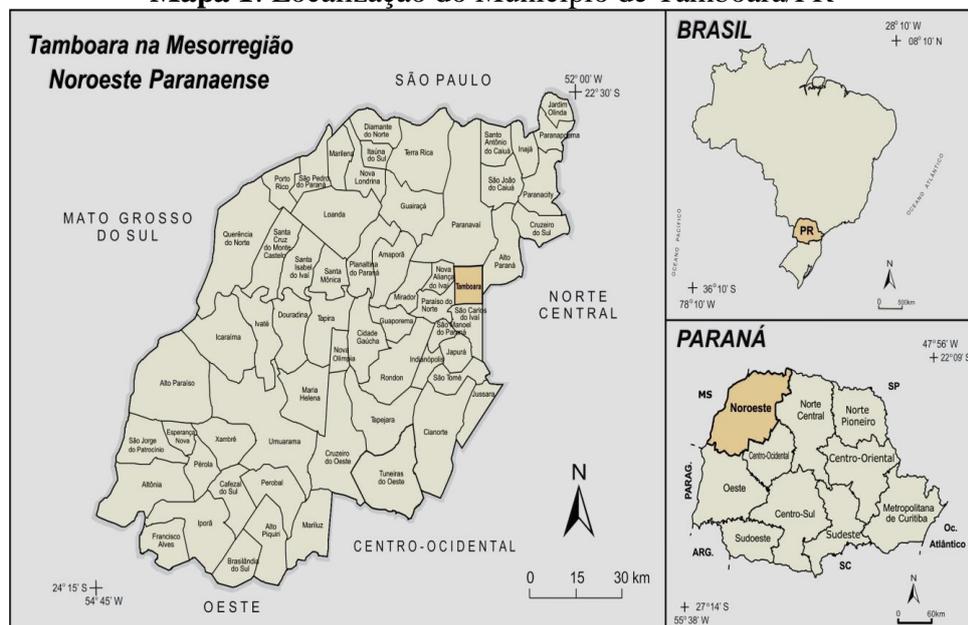


solos com baixa fertilidade (IPARDES, 2004). Não obstante, estes solos, mesmo não sendo considerados férteis, são propícios para a produção da variedade de cana-de-açúcar mais plantada no Paraná, a RB867515, que apresenta “excelente desempenho em solos de textura arenosa” (DAROS, 2015, p. 102). Em conformidade com o censo do Instituto Agrônomo-IAC (2017) no Paraná, a variedade de cana RB867515⁴ está concentrada em 44,3% do total de 554 mil hectares, e a segunda variedade mais plantada é a RB966928⁵ (CANAL, 2016). Entretanto, estas não são as únicas variedades de cana no Paraná, e, sim, as mais cultivadas.

1.3 Caracterização da área de estudo

Esta pesquisa foi realizada no município de Tamboara/PR que está localizado na Mesorregião Noroeste do Paraná; tem uma população de 4.664 habitantes, uma área de 193,347 Km² e possui uma densidade demográfica de 24,12 hab./km² (IBGE, 2010) (Mapa 1)

Mapa 1: Localização do Município de Tamboara/PR



Base cartográfica: IBGE (2007); IPARDES (2004)
Elaboração: BERNARDINO, V. M. P.

Fonte: IBGE (2007); IPARDES (2004) / Elaborado por Bernardino, (2017)

⁴ A variedade de cana RB867515 possui alta velocidade de crescimento, porte alto, hábito de crescimento ereto, alta densidade de colmo, de cor verde arroxeado que se acentua quando exposto e fácil despalha (EMBRAPA, 2008, p. 27)

⁵ A variedade RB966928 “apresenta excelente germinação em cana planta, brotação em soqueira muito boa, alto perfilhamento em cana planta e em cana soca. Esta variedade apresenta elevada produtividade agrícola” (SILVA, 2012, p.117)



As principais atividades agrícolas desenvolvidas no município são: cana-de-açúcar, mandioca e milho (Tabela 1). A plantação de cana-de-açúcar ocupa a maior área do município (como mencionado) com cultivos: 324.399 toneladas em uma área de 4.537 hectares (IPARDES, 2018), enquanto que a pastagem é a segunda atividade econômica do município.

Tabela 1: Área colhida, produção, rendimento médio e valor da produção agrícola - tipo de cultura temporária - Tamboara (2017)

Cultura Temporária	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor (R\$1.000,00)
Cana-de-açúcar	4.537	324.399	71.501	17.518
Mandioca	1.365	36.224	26.538	17.901
Milho (em grão)	330	1.656	5.018	513

Fonte: IBGE- Produção agrícola Municipal, 2017 / Elaboração: SAMPAIO, 2018.

A cultura da cana de açúcar ocupa, com maior amplitude, as áreas da região sudeste do município de Tamboara, embora seja cultivada no município inteiro. A área de concentração da cana é próxima da área de abrangência da Cooperativa Agrícola Regional de Produtores de cana Ltda. – Coopcana, localizada no município de São Carlos do Ivaí. Esta usina foi instalada neste município após aprovação da comissão Nacional do Álcool e da liberação de recursos do Banco do Brasil (COOPCANA, 2017). Em outubro de 1982, iniciou-se o procedimento de moagem nesta usina. Sua produção inicial foi de 3.800.000 litros de álcool. Atualmente, a agroindústria produz açúcar, álcool anidro, álcool carburante ou hidratado e conta com pouco mais de 1.200 cortadores de cana-de-açúcar.

As cortadoras de cana-de-açúcar entrevistadas nesta pesquisa são moradoras do município de Tamboara e trabalham para a Coopcana (atual Agrocana). Assim, para compreendermos as complexidades e relações que ocorrem no espaço do canavial, realizamos entrevistas com estas mulheres através de questionário contendo perguntas semiestruturadas, o que nos permitiu compreendermos as peculiaridades deste “espaço” no trabalho de cortar cana-de-açúcar.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

A experiência vivida no trabalho de corte da cana-de-açúcar nos anos de 2007 e 2008 nos motivou a estudar e evidenciar as dificuldades e peculiaridades do trabalho de cortar cana-de-açúcar, principalmente, para as mulheres envolvidas nesta atividade.



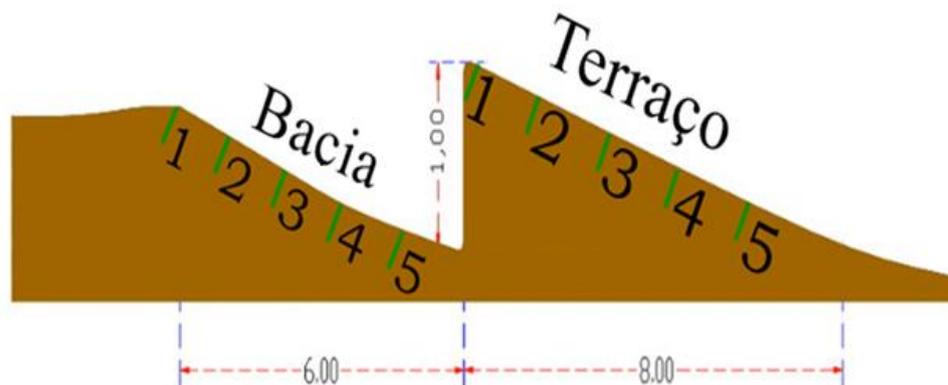
Procuramos nesta pesquisa relatar como as mulheres desenvolvem o trabalho no corte de cana e identificar as múltiplas atividades realizadas pelas cortadoras de cana, além das dificuldades encontradas na sua rotina.

Ao entrevistar estas doze mulheres tive a oportunidade em minhas lembranças de vivenciar as dificuldades do trabalho de cortar cana. Os momentos difíceis de ter que trabalhar sentindo dores no corpo, sob sol forte, chuva, em terrenos planos, com declividade, cortando canas em pé e entrelaçadas. Cada dia de trabalho no corte de cana-de-açúcar é algo inusitado, diferente do dia anterior. É preciso ter resistência para aguentar as dificuldades que o trabalho apresenta e ainda manter a produção mínima que a indústria sucroalcooleira exige. Este trabalho não é apenas insalubre, ele antecipa a própria morte (ALVES, 2006).

Em virtude de o pagamento ser por produção, em que o preço do metro/cana é estipulado pelos usineiros, estes trabalhadores (as) veem-se sujeitados a despender toda a sua energia e, muitas vezes, não receber o valor real do seu trabalho. Os valores indevidos do metro/cana repassados pelos usineiros fazem com que esses trabalhadores (as) cheguem ao esgotamento, e isso se agrava, já que os terraços e eitos com canas entrelaçados não são pagos de acordo com a suas dificuldades no rendimento do trabalho. Os usineiros estipulam um valor no metro/cana, mencionado como no “olhômetro”. Baseiam-se no fato de a cana ter rendimento no corte, ou não para estipular um valor.

Não levam em consideração as peculiaridades do trabalho de cortar cana. As trabalhadoras relatam que os eitos são diferentes, o terreno com declividade dificulta a atividade e diminui o rendimento. Quando o terreno apresenta declividade, as trabalhadoras entrevistadas relataram sentir com mais frequência dores na perna e braço, já que declividade faz com que tenham um desgaste maior de energia. Mesmo em canaviais, onde a declividade do terreno não ultrapassa a 12%, há a presença de terraços (Figura 3).

Figura 3: Representação de um eito no terraço



Elaboração: SAMPAIO, 2018.



O eito no terraço é considerado pelas trabalhadoras o pior eito do canavial. Sua dificuldade está relacionada à declividade, exigindo maior dispêndio de energia, pois a quinta rua de cana do terraço, representada na figura 3, fica distante da esteira e, por causa da declividade, é necessário jogá-la de uma maior distância para acomodá-la na esteira. Outro fator também que dificulta o trabalho nos terraços é que a primeira rua de cana, normalmente, são canas mais fortes e tendem a se inclinarem para a bacia, o que dificulta o trabalho, tendo que, muitas vezes, picar as canas, puxá-las e colocar na esteira para avançar no eito. Esta dificuldade em cortar cana nos terraços é explicada por uma trabalhadora entrevistada:

Cortar cana no terraço não é fácil, o dia que vejo que meu eito vai ser o terraço já fico triste, pois sei que terei que trabalhar muito mais e meu serviço não vai render. O difícil de cortar cana no terraço é que ele é penso⁶ dá muita dor na perna, a gente precisa buscar a quinta rua e colocar na esteira, se a gente jogar com muita força a cana não para na esteira, daí a gente tem que ter cuidado. E também tem a questão da primeira rua, nossa nasce igual cabelo, vale por duas pelo tanto de cana que nasce nela, e além do mais é ruim de cortar. Geralmente a cana da primeira rua está tombada para a bacia, e se tiver em pé também não é fácil, pois se não tomar cuidado ao cortá-la ela pende para a bacia podendo até derrubar a gente devido o peso. O duro que o eito do terraço tem o mesmo preço dos outros eitos ao lado, devia ser mais caro, pois é muito mais difícil para cortar (Cortadora de cana, 47 anos, 2019).

O que nos chama atenção é que a diversidade dos eitos de cana, principalmente, a do terraço não são levadas em consideração na hora de estipular o valor/metro da cana, mesmo o rendimento sendo menor, permanece com o mesmo valor do eito ao lado. Desta forma, acreditamos que os usineiros devem pagar um valor maior no metro/cana para o eito do terraço, pois este eito independente da cana estar caída ou em pé é o pior eito do canavial, o que dificulta o rendimento do trabalho.

Outros fatores que dificultam o trabalho é o solo seco e duro que cega o facão e atrasa o trabalho, os eitos com canas entrelaçadas fazem com que o trabalhador despenda 4 a 6 vezes mais golpes para cortar e acomodar a cana na esteira. Estes movimentos repetitivos intensificados pelo pagamento por (ALVES, 2006) leva estas mulheres a serem acometidas por sérios problemas de saúde, reduzindo a capacidade de sua vida útil.

Conseqüentemente, a dificuldade do trabalho de cortar cana vai além da forma de pagamento por produção, e isto pouco é mencionado e observado pelos usineiros, pois jamais

⁶ Penso estar-se referindo à declividade do terreno.



terão que enfrentar um trabalho que precise segurar um facho de, aproximadamente, dois quilos durante oito horas de trabalho e realizar inúmeras flexões, carregando o peso dos EPIs, sob sol forte e algumas vezes, até sob chuva.

Como observamos, mesmo diante destes problemas, este trabalho não é reconhecido, sendo o setor mais mal pago na indústria sucroalcooleira e, com a mecanização na colheita da cana-de-açúcar, estes trabalhadores (as) estão sendo descartados. A questão da mulher ainda piora. Como destacamos nesta pesquisa, atualmente, apenas doze mulheres de Tamboara trabalham no corte de cana.

Além de toda essa dificuldade no trabalho, relatado por estas trabalhadoras, elas são as que levantam, em média, uma hora mais cedo que seus maridos para fazerem e acondicionarem a comida em marmitas e colocarem água e gelo nas garrafas, para depois os seus companheiros acordarem. No fim do expediente, as atividades das mulheres ainda continuam com a sua tripla e quarta jornada de trabalho (ROSSINI, 2006). Ao chegarem em suas casas, essas mulheres, mesmo cansadas, precisam limpar as suas casas, lavar as roupas, fazer a janta e cuidar dos filhos e marido.

Assim, através das entrevistas que realizamos, podemos identificar as dificuldades que estas mulheres têm no seu trabalho de cortar cana, bem como que sua rotina ultrapassa a jornada de oito horas, ainda tendo que realizar tantas outras atividades e serem as últimas a poder repousar e descansar o tão almejado fim do dia, como se fossem máquinas que não cansam e não têm o direito de descansar em pleno século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa podemos compreender que as dificuldades no trabalho de cortar cana-de-açúcar perpassam pelo modo de pagamento ser por produção. As peculiaridades deste trabalho se evidenciam no espaço do canavial e em seus diferentes eitos, este trabalho mesmo que de maneira reduzida ainda é realizado no noroeste do Paraná.

Algumas usinas sucroalcooleiras ainda utilizam esta mão de obra manual no corte da cana, pois a colheitadeira em alguns terrenos acidentados não realiza a colheita adequadamente. Assim, propomos que o Estado promova leis que extingam o pagamento por produção na colheita manual da cana-de-açúcar, já que ele é o principal intensificador e causador dos problemas de saúde. Deve ser instituído um pagamento com salário fixo e já estipulado um valor que possa atender às necessidades destes trabalhadores e ser um pagamento justo de acordo com as dificuldades que este trabalho apresenta.



Com relação aos milhares de trabalhadores desempregados devido à mecanização da cana-de-açúcar e novamente expropriados, agora, do que lhe resta a sua força de trabalho, compreendemos que o Estado deveria promover ações para disponibilizar oportunidades de emprego aos inúmeros desempregados, como o incentivo para o empreendedorismo com financiamentos justos, qualificação profissional, ou até mesmo a realização da reforma agrária, mesmo que pareça inviável, estas medidas poderiam reduzir os impactos socioeconômicos que estão ocorrendo na região.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco. **Porque morrem os cortadores de cana?** Scielo, São Paulo, v. 15, n. 3, dez. 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-1290200600030008script=sci-arttext>> Acesso em: 17 jun. 2018.

BRAY, Silvio Carlos; FERREIRA, Enéas Rente; RUAS, Davi Guilherme Gaspar. **As políticas da agroindústria canavieira e o PROÁLCOOL no Brasil.** Marília: Unesp-Marília Publicações, 2000.

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense (1900-1970).** Curitiba: Grafipar, 1981.

CANAL, Jornal da Bioenergia. **Censo do IAC identifica variedades de cana predominantes na região Centro-Sul do Brasil.** Disponível em:<<http://www.canalbioenergia.com.br/censo-do-iac-identifica-variedades-de-cana-predominantes-na-regiao-centro-sul-do-brasil/>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

COMPANHIA MELHORAMENTOS DO NORTE DO PARANÁ (CMNP). Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná São Paulo. Publicação comemorativa dos 50 anos da CMNP, São Paulo, 1975. Disponível em:<<http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/50anos-cmnp/files/CMNP.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

CONAB. **Boletim da safra de cana-de-açúcar.** 2018. Disponível em:<<https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/cana/boletim-da-safra-de-cana-de-acucar>>. Acesso em: 25 ago. 2018.



COOPCANA. **Produção**, 2017. Disponível

em:<<https://www.coopcana.com.br/produtos.php>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CORRÊA, Roberto. Lobato. O sudoeste paranaense antes da colonização. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 32, n. 1, 1976.

DAROS, Edelclaiton; OLIVEIRA, Ricardo Augusto de; BARBOSA, Geraldo Veríssimo de Souza. (Org.) **45 anos de variedades RB de cana-de-açúcar: 25 anos de Ridesa**. Curitiba: Graciosa, 2015. Disponível em: <<http://socicana.com.br/2.0/wp-content/uploads/45-anos-variedades.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

INSTITUTO AGRONÔMICO (IAC). Censo realizado pelo IAC identifica variedades de cana predominantes na região Centro-Sul do Brasil, 2017. Disponível em:<
<http://www.iac.sp.gov.br/noticiasdetalhes.php?id=1141>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário** - 2017. Disponível

em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/tamboara/pesquisa/24/76693>>: Acesso em: 10 jan. 2019.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Leituras regionais: Mesorregião Geográfica Noroeste Paranaense / Curitiba**: IPARDES, 2004. Disponível em:

<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_noroeste.pdf > acesso em: 31 ago. 2018.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno Estatístico do Município de Tamboara**, 2018. Disponível

em<<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=87760>. Acesso em: 21 nov. 2018.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **A lavoura canvieira em São Paulo - expansão e declínio (1765-1851)**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, Corpo e Alma do Brasil, 1968.



ROSSINI, Rosa Ester. **O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada – São Paulo – Brasil**. Enpublicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Dez. 2006. Disponível em:<www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/laboplan/artigos/rossini_01.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2016.

SAMPAIO, Ariana Castilhos dos Santos Toss; Marcia Marolo; Maria das Graças de Lima. **Os Problemas de Saúde Ocasionalmente Pelo Trabalho de Cortar e Plantar Cana-de-Açúcar na Região Noroeste do Paraná**. Anais... Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2018.

SECRETARIA DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO (SEAB). Departamento de Economia Rural DERAL. **Boletim informativo sucroalcooleiro**. 2018. Disponível em:<<http://www.agricultura.pr.gov.br/modules/qas/aviso.php?codigo=6034>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

SILVA, José Graziano. **A modernização dolorosa. Rio de Janeiro**. Zahar editores, 1982.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE TAMBOARA. **Informações e dados sobre os trabalhadores cortadores de cana**. Tamboara, 2018,2019.

TEIXEIRA, Wilson Antônio. **As Transformações no Espaço Agrário do Paraná, com a Introdução da Indústria Energética Canavieira**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências Exatas, UNESP, Rio Claro, 1988.